

RELAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR SUBJETIVO E ANSIEDADE: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO GÊNERO E FAIXA ETÁRIA EM ESTUDANTES

*Janaina Chnaider**

*Laís Santos-Vitti***

*Tatiana de Cassia Nakano****

RESUMO: Composto por uma dimensão afetiva (afetos) e uma cognitiva (satisfação com a vida), o bem-estar subjetivo é apontado como um fator que impacta a saúde mental, sendo prejudicado pela presença de ansiedade. Diante disso, a pesquisa avaliou os níveis de ansiedade e bem-estar em uma amostra composta por 172 estudantes de Ensino Técnico, com idades entre 15 e 51 anos (M=19,51; DP=6,70), 68% do sexo feminino. A Escala de Afetos Positivos e Negativos, Escala de Satisfação com a Vida e a *Generalized Anxiety Disorder* foram utilizadas. Os resultados indicaram correlação positiva e significativa entre os construtos positivos (satisfação com a vida e afetos positivos) e entre os negativos (afetos negativos e ansiedade). A variável sexo exerceu influência significativa na maior parte das medidas, sendo a média mais elevada apresentada pelos homens nos construtos positivos e, pelas mulheres, nos construtos negativos. Em relação à faixa etária, afetos positivos e ansiedade se mostram influenciados por tal variável, sendo o primeiro mais baixo nos participantes de menor idade e, o segundo, nos de maior idade. Sugere-se que os achados possam ser replicados, envolvendo diferentes perfis de estudantes, de modo a fornecer bases para a elaboração de estratégias de manutenção de saúde mental.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental; Avaliação Psicológica; Educação.

RELATIONSHIP BETWEEN SUBJECTIVE WELL-BEING AND ANXIETY: ANALYSIS OF THE INFLUENCE OF GENDER AND AGE GROUP ON STUDENTS

ABSTRACT: Subjective well-being, which comprises affective and cognitive dimensions (satisfaction with life), has been identified as an important contributor to mental health, which is harmed by anxiety. This study evaluated the anxiety levels and well-being levels of 172 Technical Education students aged 15 to 51 years (M=19.51; SD=6.70), 68% of whom were females. In this study, the Positive and Negative Affect Scale was used in conjunction with the Life Satisfaction Scale and the Generalized Anxiety Disorder Scale. Positive and significant correlations were found between the positive constructs (satisfaction with life and positive affects) and the negative constructs (negative affects and anxiety). Most measures were significantly influenced by the gender variable, with males presenting the highest average in the positive constructs and females in the negative constructs. Positive affects and anxiety were significantly influenced by the age group variable. The first one is lower among younger participants and the second is lower among older participants. A replication of these findings is suggested, involving different student profiles, with the objective of developing mental health maintenance strategies based on the findings.

KEYWORDS: Mental Health; Psychological Assessment; Educational Practice.

* Doutoranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Email: jana_chnaider@hotmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5720-8940>

** Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Email: laissantosvitti@gmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7246-7476>

*** Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Docente do programa de pós-graduação stricto sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Email: tatiananakano@hotmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5720-8940>

Introdução

Metade de todos os problemas de saúde mental na vida adulta têm início na adolescência, sendo que, dentre crianças e adolescentes, a prevalência de problemas de saúde psicológica foi estimada em 13,4% (GUO *et al.*, 2024). Tais dados, segundo os autores, fazem com que a saúde mental de adolescentes se torne uma prioridade mundial na área da saúde pública. Nesse contexto, diferentes estudos têm demonstrado o impacto do bem-estar subjetivo (BES) em resultados importantes na vida adulta, incluindo saúde mental, sobrevivência, comportamentos de saúde, sucesso profissional e desempenho acadêmico (STEINMAYR *et al.*, 2019).

O interesse nesse construto tem surgido diante da necessidade de planejamento de políticas públicas mais eficazes e eficientes para a melhoria da qualidade de vida da população, especialmente junto a grupos desfavorecidos, como mulheres, crianças e adolescentes, idosos, minorias raciais, étnicas, sexuais e pessoas com deficiência (SIRGY *et al.*, 2017). É nesse contexto que, em 2015, todos os membros das Nações Unidas assinaram a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável, tendo, como um dos seus objetivos, a promoção da saúde e bem-estar de todos, em todas as idades (ROSS *et al.*, 2020). Dada sua importância, Oliveira e Vêras (2023) afirmam que a literatura recente tem se focado na identificação de fatores de risco e fatores de proteção que influenciam no bem-estar subjetivo, em explorar intervenções eficazes nessa área e em destacar estratégias de promoção à saúde mental por meio do BES.

O bem-estar subjetivo (BES) é um componente importante da saúde psicológica e pode ser definido como o grau com que uma pessoa avalia, favoravelmente, a sua satisfação com a vida em geral (VOUKELATOU *et al.*, 2021). Esse construto é composto por dois componentes, um afetivo e outro cognitivo. O primeiro é representado pelos afetos positivos e afetos negativos e, o segundo, pela satisfação com a vida (LLAMAS-DÍAZ *et al.*, 2022). Trata-se de um construto multidimensional, composto por fatores distintos, mas relacionados entre si (ABREU *et al.*, 2021). Com base nesse modelo, o BES se mostra adequado na presença de altos níveis de satisfação com a vida e afetos positivos e baixos níveis de afetos negativos (HUANG; ZHANG, 2022).

Segundo Voukelatou *et al.* (2021), nas últimas décadas, pesquisadores têm focado na investigação das dimensões e determinantes individuais, socioculturais e contextuais que podem afetar, de forma positiva ou negativa, o bem-estar, ainda que um número reduzido de estudos investigue a influência de variáveis sociodemográficas no desenvolvimento do BES (STEINMAYR *et al.*, 2019). Indiferente ao fato de que o BES tem se mostrando variável ao longo da vida, dadas as mudanças de prioridades nas diferentes fases (JEBB *et al.*, 2020), entanto, um número limitado de estudos tem examinado a influência de fatores individuais, como idade e gênero nesse construto, especialmente em crianças e adolescentes (NEWLAND *et al.*, 2018). A adolescência tem se mostrado um período importante para se compreender e impactar a saúde e desenvolvimento (VILLANUEVA *et al.*, 2020).

Nesse contexto, a relação entre idade e BES tem sido foco de interesse de diversas áreas, como economia, gerontologia, psicologia e sociologia (BIERMANN *et al.*, 2022). De modo geral, os resultados indicam que a satisfação com a vida diminui até a meia-idade e depois começaria a aumentar, podendo, eventualmente, diminuir novamente entre os idosos mais velhos. De acordo com Villanueva *et al.* (2020), alguns estudos têm demonstrado que a idade se relaciona a níveis decrescentes de bem-estar, especialmente entre a infância e adolescência, apesar dos resultados variarem de acordo com a amostra. Entretanto, resultados contraditórios relacionados ao efeito da idade nos indicadores de BES são relatados, de modo que essa se mostra uma questão complexa (NEWLAND *et al.*, 2018) e influenciada por outras variáveis como renda, educação, emprego, saúde, estado civil, gênero, número de filhos, entre outros.

Em relação ao gênero, tal variável tem recebido cada vez mais atenção da literatura, de modo que se faz notar um interesse substancial nas diferenças de gênero no BES dos adolescentes (GUO *et al.*, 2024). Estudos têm demonstrado que as diferenças de gênero em relação ao BES são pequenas em adultos, mas heterogênea nos adolescentes, especialmente nas meninas (STEINMAYR *et al.*, 2019), as quais parecem experimentar maior diminuição nas medidas cognitivas e afetivas do BES durante a adolescência (GONZALEZ-CARRASCO *et al.*, 2017). Newland *et al.* (2018) também afirmam que os homens comumente reportam maiores níveis de BES do que as mulheres, fazendo-se notar diferentes padrões que meninos e meninas desta idade podem apresentar (VILLANUEVA *et al.*, 2020).

Considerando o impacto desses construtos na saúde mental e qualidade de vida dos indivíduos, o presente estudo buscou identificar os níveis de ansiedade e bem-estar subjetivo (satisfação com a vida, afetos positivos e afetos negativos) em uma amostra de estudantes do ensino técnico de uma escola pública brasileira, visando ainda analisar a influência das variáveis gênero e faixa etária nos construtos.

Método

Participantes

A amostra foi composta por 172 estudantes do Ensino Técnico de uma escola pública localizada no interior do Estado de São Paulo. Os participantes possuíam idade entre 15 e 51 anos ($M = 19,51$; $DP = 6,70$), sendo 68,06% do sexo feminino. Dentre os cursos em que se encontravam matriculados, pode-se citar Administração, Eletrônica, Eletrotécnica, Logística e Mecânica.

Instrumentos

Mais comumente os afetos são avaliados por meio do uso de escalas de autorrelato, especialmente a *Positive and Negative Affect Scale* (PANAS), considerada o padrão ouro para avaliação desse construto, sendo utilizada em diferentes países. Para avaliação da satisfação com a vida, a *Satisfaction with Life Scale* é a mais empregada de acordo com a literatura (LLAMAS-DÍAZ *et al.*, 2022). Assim, tais instrumentos foram selecionados para serem utilizados no presente estudo.

Escala de Satisfação com a vida (ESV)

Foi utilizada a versão de ZANON et al. (2013). Ela é formada por cinco itens de autorrelato que medem o nível de satisfação dos indivíduos. Estruturada de maneira unidimensional, a ESV avalia a satisfação geral com a vida (aspecto cognitivo) utilizando uma escala Likert de sete pontos, que varia de "discordo totalmente" a "concordo totalmente". A versão brasileira apresenta evidências de validade e confiabilidade com precisão considerada adequada ($\alpha = 0,86$), além de correlação positiva com AP e correlação negativa com NA (REPPOLD *et al.*, 2019).

Escala de Afetos Positivos e Afetos Negativos (PANAS) (GIACOMONI; HUTZ, 1997)

O instrumento é composto por 40 itens divididos entre afetos positivos e afetos negativos. Os respondentes indicam, por meio de uma escala Likert de cinco pontos ("nem um pouco" a "extremamente"), o quanto se identificam com cada adjetivo apresentado. A PANAS apresenta evidências de validade com base em variáveis externas do tipo convergente (AP com felicidade subjetiva, bem-estar psicológico e índice de saúde mental) e divergente (NA com afetos positivos, índice de saúde mental e a felicidade subjetiva) (NUNES *et al.*, 2019), e consistência interna de 0,88 para afetos positivos e 0,86 para afetos negativos (GIACOMONI; HUTZ, 1997).

Generalized Anxiety Disorder (GAD-7) (SPITZER *et al.*, 2006)

A GAD é uma escala breve de autorrelato, composta por sete itens, respondidas por meio de uma escala do tipo Likert de quatro pontos ("nunca", "alguns dias", "mais que metade dos dias" e "praticamente todo dia"). O instrumento pode ser capaz de identificar a frequência de sinais e sintomas de ansiedade generalizada experienciado nas últimas duas semanas. No presente estudo a versão de Leite e Faro (2022) foi utilizada. No Brasil, os estudos de validade com a população adulta foram conduzidos por Moreno *et al.* (2016) incluindo a sua estrutura unidimensional, precisão ($\alpha = 0,91$) e análise dos itens e, na população adolescente, por Leite e Faro (2022).

Procedimentos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas) (CAAE: 52431021.9.0000.5481). Por se tratar de instrumentos de autorrelato e as instruções serem autoexplicativas, optou-se pela coleta de dados de forma remota, a qual foi realizada pela plataforma online do *Google Forms*. Ainda assim, as pesquisadoras responsáveis se mantiveram à disposição para sanar eventuais dúvidas. O *link* de acesso ao formulário foi enviado para a Instituição de Ensino (IE), que encaminhou para que os alunos pudessem acessá-lo. O *link* ficou disponível por sete dias, a contar do encaminhamento para IE.

Para realização deste estudo, foram seguidos todos os critérios éticos. Para a coleta de dados com os adolescentes com idade inferior a 18 anos, os pais ou responsáveis foram contatados, a partir do

intermédio da Escola, para assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Ressalta-se que, além do TCLE assinado pelos responsáveis, os adolescentes com idade menor que 18 anos também tiveram que ratificar a concordância em participar desse estudo mediante assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Por sua vez, os indivíduos maiores de 18 anos assinaram seu próprio TCLE, confirmando que concordaram em participar dessa pesquisa.

Foram adotados, como critério de inclusão, estar devidamente matriculado na modalidade de ensino técnico, independente do gênero e idade. Como critérios de exclusão, seriam excluídos alunos cuja frequência mínima nas aulas não estivesse regular, os alunos que não preenchessem todos os instrumentos e aqueles que apresentassem recusa na assinatura do TCLE, que não ocorreu em nenhum caso. Para os alunos menores de idade, foi utilizado como critério de exclusão a recusa da assinatura do Termo de Autorização pelos pais/responsáveis, o que também não ocorreu.

Análise de Dados

A fim de atingir os objetivos propostos, devido à ausência de normalidade da amostra, optou-se pela utilização da estatística não paramétrica. Para identificar a relação entre os construtos, aplicou-se a correlação de Spearman. Para interpretação dos valores da correlação, seguiu-se a recomendação de Valentini e Iglesias (2021): entre $r = 0,10$ e $r = 0,30$ é considerada fraca, entre $r = 0,31$ e $r = 0,50$ é interpretada como moderada e, acima de $r = 0,51$ são consideradas fortes.

Posteriormente, para investigar se há diferença devido ao sexo do participante nos resultados de satisfação com a vida, afetos positivo, afetos negativos e ansiedade, utilizou-se o teste de Mann-Whitney. Por fim, o Teste Kruskal-Wallis para observar se havia diferença de médias da amostra quando agrupados por faixa etária em relação aos construtos avaliados. Em todas as análises adotou-se o critério de $p \leq 0,05$. Como parâmetros para a análise do tamanho de efeito para a correlação foi utilizado o z de Fisher e para os testes Mann-Whitney, Kruskal-Wallis, o d de Cohen. Foram considerados como: efeito pequeno (0,20), efeito médio (0,50) e efeito alto (0,80) (FIELD, 2018).

Resultados

Inicialmente foi estimada a estatística descritiva para cada medida, seguida da correlação de Spearman a fim de verificar a relação entre os construtos. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Estatística Descritiva e Correlação entre Satisfação com a Vida, Afetos Positivos, Afetos Negativos e Ansiedade

Variável	Média	DP	satisfação com a vida	afetos positivos	afetos negativos
satisfação com a vida	20,18	6,49	-		

afetos positivos	22,25	6,71	0,458 ***	-	
afetos negativos	25,39	7,43	-0,412 ***	-0,156*	-
ansiedade	16,2	5,78	-0,361***	-0,291***	0,699***

Fonte: elaboração dos autores. * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$

Os resultados apresentados na Tabela 1 indicam que a medida de afetos positivos apresentou correlação positiva e significativa com satisfação com a vida ($r = 0,45$; $p \leq 0,001$), com tamanho de efeito médio ($\zeta = 0,49$). Os afetos negativos apresentaram correlação negativa significativa com satisfação com a vida ($r = 0,41$; $p \leq 0,001$) com tamanho de efeito médio ($\zeta = 0,43$) e afetos positivos ($r = -0,15$; $p \leq 0,05$) e tamanho de efeito pequeno ($\zeta = 0,15$). A ansiedade, por sua vez, apresentou correlação negativa e significativa com satisfação com a vida ($r = -0,361$; $p \leq 0,001$) com tamanho de efeito médio ($\zeta = 0,37$) e afetos positivos ($r = -0,291$; $p \leq 0,001$) e tamanho de efeito médio ($\zeta = 0,29$). Por último, a ansiedade apresentou correlação positiva com afetos negativos ($r = 0,699$; $p \leq 0,001$) e tamanho de efeito alto ($\zeta = 0,86$).

Em seguida, o Teste de Mann-Whitney foi utilizado para verificar se há diferença nos resultados considerando-se o sexo do participante ($n = 118$ do sexo feminino e $n = 54$ do masculino). Na Tabela 2 foi possível observar os resultados encontrados.

Tabela 2 - Estatística Descritiva e Teste de Mann-Whitney para as Variáveis Sexo, Satisfação com a Vida, Afetos Positivos, Afetos Negativos e Ansiedade

Variável	Sexo	Média	DP	U	p	d de Cohen
satisfação com a vida	Feminino	19,14	6,20	2202,000	0,002	-0,299
	Masculino	22,46	2,56			
afetos positivos	Feminino	14,03	6,44	2769,500	0,232	-0,112
	Masculino	21,75	7,20			
afetos negativos	Feminino	26,65	7,13	2229,000	0,003	0,299
	Masculino	22,63	7,36			
ansiedade	Feminino	17,18	5,35	2157,500	0,001	0,317
	Masculino	14,03	6,14			

Fonte: elaboração dos autores.

Na amostra investigada, quanto à satisfação com a vida, as mulheres apresentaram resultados significativamente inferiores quando comparadas aos homens ($U = 2202,000$; $p = 0,002$), sendo considerado pequeno o tamanho de efeito ($d = 0,29$). Na medida de afetos positivos não houve diferença significativa entre os gêneros.

Sobre as variáveis negativas (afetos negativos e ansiedade), as mulheres apresentaram médias superiores quando comparadas aos participantes do sexo masculino ($U = 2229,000$; $p = 0,003$) e ($U = 2157,500$; $p = 0,001$), respectivamente. Embora tenham sido observadas diferenças de médias para as variáveis afetos negativos e ansiedade, quanto ao sexo dos participantes, o tamanho de efeito de ambos os resultados é muito baixo ($d = 0,29$) e ($d = 0,31$).

Finalmente para compreender a influência da variável idade nos construtos investigados, a amostra foi agrupada em três faixas etárias distintas: 18 a 28 anos ($n = 115$), 29 a 39 anos ($n = 34$) e 40 anos ou mais ($n = 23$). Para esta análise utilizou-se o teste Kruskal-Wallis. A Tabela 3 apresenta os resultados.

Tabela 3 - Estatística Descritiva e Teste de Kruskal-Wallis para as Variáveis Satisfação com a Vida, Afetos Positivos, Afetos Negativos e Ansiedade em Relação às Faixas Etárias

Variável	Idade	Média	DP	H	p
satisfação com a vida	15 a 28 anos	20,53	6,75	1,153	0,562
	29 a 39 anos	19,91	5,43		
	40 anos ou mais	6,61	1,38		
afetos positivos	15 a 28 anos	21,47	6,81	6,168	0,046*
	29 a 39 anos	24,17	6,46		
	40 anos ou mais	23,30	6,10		
afetos negativos	15 a 28 anos	26,08	7,52	4,483	0,106
	29 a 39 anos	24,82	6,65		
	40 anos ou mais	22,73	7,64		
ansiedade	15 a 28 anos	16,83	5,73	9,897	0,007**
	29 a 39 anos	16,17	5,69		
	40 anos ou mais	13,04	5,35		

Fonte: elaboração dos autores.

A influência da faixa etária indicou que satisfação com a vida e afetos negativos não sofrem influência da idade dos participantes. Por outro lado, na medida de afetos positivos essa variável se mostra significativa, sendo que os participantes com idades de 29 a 39 anos apresentaram médias maiores. Em relação à ansiedade, a faixa etária também se mostra significativa, sendo que médias mais altas são apresentadas pelos participantes com idades entre 15 e 28 anos.

Discussão

O objetivo desse artigo foi avaliar as relações entre BES (composto por satisfação com a vida, afetos positivos e afetos negativos) e ansiedade, além da influência das variáveis gênero e faixa etária de adolescentes e adultos. Visou investigar uma temática marcada por uma lacuna relacionada à atenção restrita que tem sido dispensada à investigação da relação entre afetos positivos, negativos e satisfação com a vida em adolescentes (HUEBENER; DEW, 1996).

Como resultados, observou-se relações significativas entre os construtos negativos (afeto negativo e ansiedade). Esse resultado também é apresentado na literatura, de modo que o afeto negativo tem se mostrado relacionado à ansiedade (AQEEL; SARFRAZ, 2021; HUEBENER; DEW, 1996; LACEULLE *et al.*, 2015). De forma oposta, o afeto positivo também tem se mostrado correlacionado negativamente com a ansiedade (ALVES *et al.*, 2021), tal como encontrado no presente estudo.

Entre os construtos positivos (afeto positivo e satisfação com a vida), a relação significativa e positiva foi encontrada, tal como esperado. O afeto positivo tem, inclusive, se mostrado um mediador entre satisfação com a vida e suporte social (KONG *et al.*, 2019; ZHANG, 2016; YANG; XIA; ZHOU, 2020), favorecendo um estado mental positivo e promovendo o ajustamento. Assim, o afeto positivo exerce um impacto importante na satisfação com a vida (KUPPENS *et al.*, 2008; ZHANG, 2016), atuando ainda como um fator de proteção que influencia a percepção de bem-estar psicológico (FOLKMAN; MOSKOWITZ, 2000).

Especialmente no contexto da pesquisa, envolvendo estudantes de curso técnico, os resultados confirmam a percepção de Oliveira e Vêras (2023). De acordo com os autores, fatores como sobrecarga de trabalho acadêmico, altas expectativas, a competição intensa e a incerteza em relação ao futuro profissional são fatores de risco que podem contribuir para a manifestação de ansiedade entre os estudantes, diminuindo, ainda, os indicadores de bem-estar.

Nesse estudo, observou-se que os homens obtiveram maior nível de satisfação com a vida quando comparados às mulheres, embora o tamanho de efeito tenha sido pequeno. Por sua vez, as mulheres obtiveram médias maiores de afetos negativos em comparação aos homens. De acordo com a literatura, a prevalência de problemas relacionados à saúde mental é diferente entre os gêneros, sendo, as mulheres mais propensas a experienciar desordens internalizantes, como depressão e/ou ansiedade ao passo que os homens tendem a apresentar mais comportamentos do tipo externalizantes (quebra de regras, por exemplo) (YOON *et al.*, 2022). As dificuldades emocionais das mulheres já se mostram superior às dos homens por volta dos 11-12 anos, aumentando a cada ano. Da mesma forma, elas apresentam BES significativamente inferior ao dos meninos, nos quais, permaneceu estável ao longo dos anos.

Diferenças em relação ao nível de bem-estar subjetivo entre homens e mulheres podem, em certo ponto, ser justificadas pelo acesso desigual às oportunidades, recursos. Esse cenário pode contribuir, por exemplo, para que as mulheres se sintam menos capacitadas para satisfazer suas necessidades em comparação aos homens. Pesquisas sobre a relação entre gênero e satisfação com a vida apresentaram

resultados divergentes. Alguns estudos apontam que as mulheres estão mais satisfeitas do que os homens, enquanto outros indicaram o oposto, ou mesmo não encontraram diferenças significativas. Essa inconsistência foi observada tanto em estudos realizados em um único país, em grandes estudos internacionais e em metanálises. É relevante notar que mesmo quando diferenças significativas são encontradas, elas tendem a ser de pequena magnitude. Esses resultados conflitantes sugerem que a relação entre gênero e satisfação com a vida pode ser influenciada por diversos fatores moderadores, como contextos nacionais, condições socioculturais e variáveis demográficas (JOSHANLOO; JOVANOVIĆ, 2018).

Ainda sobre a análise de diferenças de médias em relação ao sexo dos respondentes, observou-se que as mulheres apresentaram maior média de sintomas de ansiedade em comparação aos homens, sendo essa diferença significativa estatisticamente. Observa-se que entre as mulheres é mais alta a prevalência de transtornos de ansiedade do que entre os homens, tanto em adultos, quanto entre crianças e adolescentes. Uma possível justificativa pode estar associada as questões de gênero. O gênero se trata de uma construção sociocultural, baseada em normas e expectativas. Entende-se que as pessoas são influenciadas por normas, regras, estereótipos e expectativas culturais que, por sua vez, se associam ao sexo biológico dos indivíduos (WENHAM; DAVIES, 2022). Logo, faz-se necessário compreender que a perspectiva de gênero pode afetar substancialmente o diagnóstico e o tratamento de problemas de saúde mental, como os transtornos de ansiedade. Por exemplo, durante o processo de socialização, as meninas são incentivadas a pedir ajuda e expressar medos e preocupações, enquanto são orientadas para a dependência, medo, passividade e obediência, refletindo uma educação alinhada com o papel feminino. Em contraste, os meninos são ensinados a conter sentimentos de medo e insegurança e são preparados para a ação, resolução de problemas, cumprimento de metas e sucesso, refletindo atitudes associadas ao papel masculino. Assim, acredita-se que essa perspectiva pode moldar comportamentos, padrões de pensamento e de funcionamento de mulheres e homens no diagnóstico, prognóstico e tratamento dos transtornos de ansiedade (FARHANE-MEDINA *et al.*, 2022).

As diferenças de gênero na expressão emocional são evidentes, sendo comum constatar que as mulheres relatam mais tristeza, medo, vergonha e culpa, enquanto os homens expressam mais raiva e outras emoções hostis. Essas diferenças são explicadas em parte pelo contexto social e cultural, especialmente pela socialização de gênero. Nas sociedades industriais ocidentais, as mulheres tendem a assumir papéis domésticos e de cuidado emocional, enquanto os homens se concentram mais em prover recursos materiais e assumir papéis na economia. Diferenças de gênero na expressão emocional têm sido explicadas por diversas teorias, incluindo influências hormonais que podem explicar comportamentos como o choro mais frequente em mulheres (FISCHER *et al.*, 2004). Outros autores como Wood e Eagly (2002) propuseram uma explicação biossocial, destacando a importância dos papéis sociais na explicação dessas diferenças, ao mesmo tempo reconhecendo que atributos físicos associados ao gênero podem impor restrições ao comportamento social. Assim sendo, pode-se entender que as diferenças de gênero

em relação às emoções são resultantes da interação complexa entre características biológicas e aspectos socioculturais.

Em relação à idade, usualmente se vê uma estabilidade notável nos adultos, podendo-se fazer notar uma diminuição do BES na meia idade, seguida de recuperação após os 55 anos (CASAS; GONZÁLEZ, 2019). Resultados similares foram relatados por Stone *et al.* (2020), demonstrando um aumento na medida de bem-estar subjetivo em adultos com idades entre 60 e 69 anos. Aumento no BES desde a adolescência até a meia idade (JOHNSON *et al.*, 2021).

Os dados da literatura mostram que os transtornos mentais são muito prevalentes nos primeiros anos de vida, na infância, adolescência e jovens adultos, sendo que metade deles tendem a começar aos 14 anos, e três quartos deles aos 25 anos (CALDWELL *et al.*, 2019). Entende-se que a adolescência e o início da idade adulta, são períodos cruciais para o desenvolvimento dos transtornos mentais, em especial os transtornos de ansiedade. Ocorrem mudanças significativas na vida e há um aumento do risco de desenvolver transtornos de ansiedade. Sugere-se que fatores genéticos e ambientais desempenham um papel complexo nesse processo. À medida que os jovens passam menos tempo com os pais e mais tempo com os pares, eles têm mais liberdade para escolher ambientes que reforçam suas predisposições genéticas (ASSELMANN, BEESDO-BAUM; KATJA, 2015).

A maior incidência de problemas de saúde mental e bem-estar subjetivo ocorre entre os 11 e 14 anos, especialmente entre as mulheres, mostrando-se mais presentes à medida em que a idade aumenta (YOON *et al.*, 2022). Tais resultados demonstram a importância de se estudar as diferenças de gênero no BES de adolescentes, visto que as evidências disponíveis apontam para um padrão inconsistente de resultados, de modo os dados não se mostram abrangentes para a compreensão da natureza dessas diferenças (GUO *et al.*, 2024).

Considerações Finais

O presente estudo buscou investigar a relação entre bem-estar subjetivo e ansiedade, considerando-se ainda o sexo e faixa etária dos participantes. Os achados confirmaram a percepção da literatura acerca da relação entre os construtos investigados e da influência das variáveis analisadas. É nesse contexto que os resultados relatados podem auxiliar na compreensão de aspectos que podem impactar a percepção de bem-estar de estudantes, conhecendo suas interações e determinantes que podem ser abordados em programas de intervenção.

Apesar da sua relevância, os resultados devem ser interpretados com cautela, visto que a amostra restringiu-se a estudantes de uma única instituição educacional, contemplando ainda uma ampla faixa etária (incluindo estudantes que, por algum motivo, não concluíram seus estudos na idade esperada). O fato de somente estudantes de curso técnico terem composto a amostra, também pode ser apontado como uma limitação, visto que perfis diferentes podem ser encontrados quando se consideram estudantes de ensino médio regular, não profissionalizante.

Apesar dessas questões, espera-se que os resultados auxiliem pesquisadores a compreenderem melhor como o bem-estar pode ser influenciado por outros construtos e variáveis sociodemográficas. Recomenda-se, nesse sentido, que estudos englobando outros níveis de ensino, bem como diferentes aspectos que podem influenciar o bem-estar dos alunos, bem como investigar a mesma temática na prática docente, de modo a permitir que o ambiente escolar possa ser fonte de saúde mental de seus integrantes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, P. M. J.; NEUMANN, S.; WEALER, C.; ABREU, N.; MACEDO, E. C.; KIRSCH, C. Subjective well-being of adolescents in Luxembourg, Germany, and Brazil during the Covid-19 pandemic. **Journal of Adolescent Health**, v.69, n.2, p.211-218, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2021.04.028> Acessado em 15/02/2024.
- AQEEL, M.; SARFRAZ, R. The association among perception of osteoarthritis with adverse pain anxiety, symptoms of depression, positive and negative affects in patients with knee osteoarthritis: a cross-sectional study. **The Journal of Pakistan Medical Association**, v.71, n.2B, p. 645-650, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47391/jpma.862> Acessado em 15/02/2024.
- ASSELMANN, E.; BEESDO-BAUM, K. Predictors of the Course of Anxiety Disorders in Adolescents and Young Adults. **Current Psychiatry Reports**, v.17, n.2, 2015. Disponível em: <https://doi.org/101007/s11920-014-0543-z> Acessado em 15/02/2024.
- BIERMAN, P.; BITZER, J.; GOREN, E. The relationship between age and subjective well-being: Estimating within and between effects simultaneously. **The Journal of the Economics of Ageing**, 21, 100366, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jeoa.2021.100366> Acessado em 15/02/2024.
- CASAS, F.; GONZÁLEZ-CARRASCO, M. Subjective well-being decreasing with age: new research on children over 8. **Child Development**, v.90, n.2, p.375-394, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/cdev.13133> Acessado em 15/02/2024.
- FARHANE-MEDINA, N. Z.; LUQUE, B.; TABERNERO, C.; CASTILLO-MAYÉN, R. Factors associated with gender and sex differences in anxiety prevalence and comorbidity: a systematic review. **Science Progress**, v.105, n.4. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00368504221135469> Acessado em 15/02/2024.
- FISCHER, A. H.; Rodriguez Mosquera, P. M.; VAN VIANEN, A. E. M.; MANSTEAD, A. S. R. Gender and culture differences in emotion. **Emotion**, v.4, n.1, p.87-94, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/1528-3542.4.1.87> Acessado em 15/02/2024.
- FOLKMAN, S.; MOSKOWITZ, J. T. Positive affect and the other side of coping. **American Psychology**, v. 55, n. 6, p. 647-654, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.6.647> Acessado em 15/02/2024.

GIACOMONI, C. H.; HUTZ, C. S. A mensuração do bem-estar subjetivo: escala de afeto positivo e negativo e escala de satisfação de vida [Resumos]. In **Sociedade Interamericana de Psicologia** (Org.), Anais XXVI Congresso Interamericano de Psicologia (pp. 313). São Paulo: SIP. 1997.

GUO, J., BASARKOD, G.; PERALES, F.; PARKER, P. D.; MARSH, H. W., DONALD, J.; DICKE, T.; SHADRA, B. K.; CIARROCHI, J.; Hu, X.; LONSDALE, C.; SANDERS, T. CRUZ, B. P. The equality paradox: gender equality intensifies male advantages in adolescent subjective well-being. **Personality and Social Psychological Bulletin**, v.50, n.1, p.147-164, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/01461672221125619> Acessado em 15/02/2024.

HUANG, L.; ZHANG, T. Perceived social support, psychological capital, and subjective well-being among college students in the context of online learning during the Covid-19 pandemic. **The Asia-Pacific Education Researcher**, v.31, p.563-574, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40299-021-00608-3> Acessado em 15/02/2024.

JEBB, A. T., MORRISON, M., TAY, L.; DIENER, E. Subjective well-being around the world: trends and predictors across the life span. **Psychological Science**, v.31, n.3, p. 293-3305, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.1177/0956797619898826> Acessado em 15/02/2024.

JOHNSON, M. D.; GALAMBOS, N. L.; KRAHN, H. J. Family context, life transitions, and subjective well-being from age 18 to 50 years. **Developmental Psychology**, v.57, n.11, p.1968–1980, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/dev0001243> Acessado em 15/02/2024.

JOSHANLOO, M.; JOVANOVIĆ, V. The relationship between gender and life satisfaction: Analysis across demographic groups and global regions. **Archives of women's mental health**, v.23, n.3, p.331-338, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00737-019-00998-w> Acessado em 15/02/2024.

KONG, F.; GONG, X.; SAJJAD, S.; YANG, K.; ZHAO, J. How is emotional intelligence linked to life satisfaction? The mediating role of social support, positive affect and negative affect. **Journal of Happiness Studies**, v.20, n.8, p. 2733–2745, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10902-018-00069-4> Acessado em 15/02/2024.

KUPPENS, P.; REALO, A.; DIENER, E. The role of positive and negative emotions in life satisfaction judgment across nations. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.95, p.66-75, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.95.1.66> Acessado em 15/02/2024.

LACEULLE, O. M.; JERONIMUS, B. F.; VAN AKEN, M. A. G.; ORMEL, J. "Why Not Everyone Gets Their Fair Share of Stress: Adolescent's Perceived Relationship Affection Mediates Associations Between Temperament and Subsequent Stressful Social Events". **European Journal of Personality**, v.29, p.125-37, 2015. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1002/per.1989> Acessado em 15/02/2024.

LEITE, M. de F., FARO, A. Evidências de Validade da GAD-7 em Adolescentes Brasileiros. **Psico-USF**, v.27, n.2, p.345-356, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712022270211> Acessado em 15/02/2024.

LLAMAS-DÍAZ, D., CABELLO, R., MEGÍAS-ROBLES, A.; FERNÁNDEZ-BERROCAL, P. Systematic review and meta-analysis: the association between emotional intelligence and subjective well-being in adolescents. **Journal of Adolescence**, v.94, n.7, p.925-938, 2022. Disponível em: <http://doi.org/10.1002/jad.12075> Acessado em 15/02/2024.

MORENO, A. L.; DE SOUSA, D. A.; SOUZA, A. M. F. L. P., MANFRO, G. G., SALUM, G. A., KOLLER, S. H., OSÓRIO, F. L.; CRIPPA, J. A. S. Factor structure, reliability, and item parameters of

- the Brazilian-Portuguese version of the GAD-7 questionnaire. **Temas em Psicologia**, v.24, n.1, p.367-376, 2016. Disponível em: <http://doi.org/10.9788/TP2016.1-25> Acessado em 15/02/2024.
- NEWLAND, L. A.; GIGER, J. T.; LAWLER, M. J.; ROH, S.; BROCKEVELT, B. L. Multilevel analysis of child and adolescent subjective well-being across 14 countries: child-and-country level predictors. **Child Development**, v.90, n.2, p.395-413, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/cdev.13134> Acessado em 15/02/2024.
- NUNES, L. K. O.; LEMOS, D. C. L.; RIBAS, R. C.; BEHAR C. B.; SANTOS, P. P. P. Análise Psicométrica da PANAS no Brasil. **Ciencias Psicológicas**, v.13, n.1, p.45-55, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22235/cp.v13i1.1808> Acessado em 15/02/2024.
- OLIVEIRA, R. A.; VÉRAS, R. M. Bem-estar psicológico de estudantes universitários da graduação: fatores de risco, fatores de proteção e estratégias de cuidado em saúde mental. **Aprender: Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação**, v. XVII, n. 30, p. 137-158, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/aprender.i30.13759> Acessado em 15/02/2024.
- REPPOLD, C.; KAISER, V.; ZANON, C.; HUTZ, C.; CASANOVA, J. R.; ALMEIDA, L. S. Escala de Satisfação com a Vida: Evidências de validade e precisão junto de universitários portugueses. **Revista de estudos e investigación em psicologia y educacion**, v.6, n.1, p.15-23, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17979/reipe.2019.6.1.4617> Acessado em 15/02/2024.
- ROSS, D. A.; HINTON, R.; MELLES-BREWSTER, M.; FOGSTAD, H.; BANERJEE, A.; MOHAN, A. Adolescent well-being: a definition and conceptual framework. **Journal of Adolescent Health**, v.67, n.4, p.472-476, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.06.042> Acessado em 15/02/2024.
- SILVA, J. A.; YUNKER, A. G.; DEFENDIS, A.; XIANG, A. H.; PAGE, K. A. BMI status and associations between affect, physical activity and anxiety in U. S. children during covid-19. **Pediatric Obesity**, v.16, n.9, e12786, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/ijpo.12786> Acessado em 15/02/2024.
- SIRGY, M. J., ESTES, R. J.; SELIAN, A. N. How to measure well-being: the data behind the history of well-being. In R. J. Estes & M. J. Sirgy (Eds.), **The Pursuit of Human Well-Being**, pp. 135-157. 2017. Springer.
- SPIZZER, R. L., KROENKE, K., WILLIAMS, J. B., LÖWE, B. A brief measure for assessing generalized anxiety disorder: The GAD-7. **JAMA Internal Medicine**, v.166, p.1092-1097, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/archinte.166.10.1092> Acessado em 15/02/2024.
- STEINMAYR, R., WIRTHWEIN, L., MODLER, L.; BARRY, M. M. Development of subjective well-being in adolescence. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v.16, n.9, p.3690, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph16193690> Acessado em 15/02/2024.
- STONE, A. A.; BRODERICK, J. E.; WANG, D.; SCHNEIDER, S. Age patterns in subjective well-being are partially accounted for by psychological and social factors associated with aging. **PLoS ONE**, v.15, n.12, e0242664, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0242664> Acessado em 15/02/2024.
- VALENTINI, F.; IGLESIAS, F. Análises de correlação. In C. Faiad, M. N. Baptista, & R. Primi (Orgs.), **Tutoriais em análise de dados aplicados à psicometria**, pp. 51-63. IBAP/Vozes. 2021.

VILLANUEVA, L., PRADO-GASCÓ, V., MONTOYA-CASTILLA, I. Longitudinal analysis of subjective well-being in preadolescents: The role of emotional intelligence, self-esteem, and perceived stress. **Journal of Health Psychology**, v.27, n.2, p.287-291, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1359105320951605> Acessado em 15/02/2024.

VOUKELATOU, V.; GABRIELLI, L.; MILLOU, I.; CRESCI, S.; SHARMA, R.; TESCONI, M. Measuring objective and subjective well-being: dimensions and data. **International Journal of Data Science and Analytics**, v.11, p.279-309, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.1007/s41060-020-00224-2> Acessado em 15/02/2024.

YOON, Y.; EISENSTADT, M.; LEREYA, S.T.; DEIGHTON, J. Gender difference in the change of adolescents' mental health and subjective wellbeing trajectories. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v.32, p.1569-1578, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00787-022-01961-4> Acessado em 15/02/2024.

ZANON, C.; BASTIANELO, M. R.; PACICO, J. C.; HUTZ, C. S. Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos positivos e negativos. **Psico-USF**, v.18, n.2, p.193-201, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200003> Acessado em 15/02/2024.

WENHAM, C.; DAVIES, S. E. WHO runs the world—(not) girls: gender neglect during global health emergencies. **International Feminist Journal of Politics**, v.24, n.3, p.415-438, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14616742.2021.1921601> Acessado em 15/02/2024.

WOOD, W.; EAGLY, A. H. A cross-cultural analysis of the behavior of women and men: Implications for the origin of sex differences. **Psychological Bulletin**, v.128, p.699–727, 2002. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0033-2909.128.5.699> Acessado em 15/02/2024.

YANG, C.; XIA, M.; ZHOU, Y. How is perceived social support linked to life satisfaction for individuals with substance-use disorders? The mediating role of resilience and positive affect. **Current Psychology**, v.41, p. 2719–2732, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00783-4> Acessado em 15/02/2024.

ZHANG, R. P. Positive affect and self-efficacy as mediators between personality and life satisfaction in Chinese college freshmen. **Journal of Happiness Studies**, v.17, n.5, p. 2007-2021, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10902-015-9682-0> Acessado em 15/02/2024.

*Recebido em: 23 de março de 2024.
Aprovado em: 10 de junho de 2024.*